

NA CALÁBRIA DAS LETRAS (1)

AS MENTIRAS DE UM EDITOR ITALIANO. OU COMO SE FABRICA O TALENTO DE UM ROMANCISTA PORTUGUÊS!!!

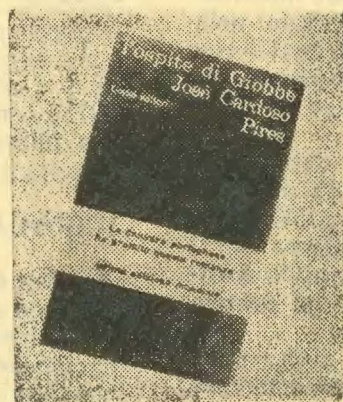
TODOS nós, em Portugal, do Minho a Timor, sufocamos com as emanções pestíferas de uma coisa que há para aí e que se chama neo-realismo...

Já um distinto oficial, com Torre e Espada e provas dadas, disse um dia para a canalla revolucionária: «Matem-me, mas não me chateiem!»; nós, da nossa banda, e perante a invasão comunista que se acoberta por detrás do neo-realismo, teremos qualquer dia que dizer, quando nos puserem a pistola encostada à nuca: «Matem-nos, mas não nos apistem com a vossa literatura!»

Isto, escreve-se em 1964, perto da Páscoa, num país que é cunhado de ditadura fascista,

etc. e tal e que, pelo caminho que vemos trilhar-se, pouco falta que seja uma «luta de percevejos numa enxerga podre» como dizia o Guerra Junqueiro. Ninguém quer pôr cobro à avalanche, à onda pútrida, à matulagem que se espaneja e se refocila nas páginas literárias e nas casas editoras... Lá virá o dia em que tudo isto se pagará caro. Enquanto uns digerem os outros minam a cidadela da lusitanidade. E nem sequer há gansos no Capitólio para acordar os que deviam estar despertos e alerta!

Vamos à última de um neo-realista: o escritor José Cardoso Pires (a quem os seus pares de movimento literato-social chamam de José Cardoso Whisky dadas as doses industriais que este proletário consome da bebida escocesa) que publicou com toda a publicidade um romance «muito bem conseguido» como diz a dona Urbana, cujo título é «O Hóspede de Job». O livrinho, encadernado e tudo, anda aí aos montes nas livrarias para regalo de quem veja mas não leia. Com o dinheiro gasto na publicidade desta literatura social dava-se de comer a um regimento. Assim mesmo, o livro não se esgotou, nem virará à segunda edição, a não ser que lhe imprimam isso nas folhas a monte que fazem nos prelos da editora, à espera de quem compre este papel tão mal empregado... Pois bem: no citado romance de José Cardoso Pi-



res (ou Whisky... tanto nos dá) vem um espartilho (para cinta é muito estreito) em que se se pode ler: «Publicado simultaneamente, em Portugal e na Itália». Ficamos espantados com a celebridade do meco! Tão novo, que diabo teria feito para se lembrarem dele na pátria de Manzoni?! Mandámos vir uma edição da Itália e ficámos a saber como é que se consegue ser célebre fora de fronteiras. A edição italiana traz um outro espartilho que diz exactamente isto: «La Censura Portoghese ha Proibido Questo Romanzo // Prima Edizione Mondiale».

Ninguém desmalle. Está lá isto em cinta vermelha, talvez para que não tenhamos dúvidas quanto à cor preferida pelo autor... Cada um defende-se como pode. Mas isto — esta mentira — é simplesmente ignóbil! A ca-

(CONTINUA NA PAGINA 11)



NA CALÁBRIA DAS LETRAS

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

rência de pudor e de vergonha conduz à mais reles das mentiras. Pois não acreditamos que o editor italiano imprima um espartilho para um livro sem que lhe «soprassem» o que lá devia vir impresso. Só desta maneira o escritor português conseguiu despertar a crítica do «Paese Sera», jornal comunista e do partido comunista, como se lia há dias no «Diário de Lisboa» em notícia feita e redigida cá, para servir de publicidade ao talentoso plumitivo.

Estamos fartos de falcatruas. Estamos fartos destes talentos de trazer por casa. Estamos fartos de vermos encher laudas de prosa burguesa a cantar os méritos de proletariozinhos que bebem aos centos de escudos de whisky por dia. Estamos todos a ser vítimas de uma chantage perfeitamente pensada e executada nas nossas barbas e com a nossa conviência. Depois do assalto às casas editoras, veio o assalto às páginas lite-

rárias; depois do assalto arrumado começa o assalto às inteligências jovens e às consciências incautas. Só podemos gritar: «Aqui d'El-Rel! Quem nos acode perante tamanho desvario? Quem emerge o mando para travar esta invasão de marabuntas vermelhas?

Com este artigo saem duas fotografias da proeza sucedida ou «conseguida» — como diz a Dona Urbana — com o livro do plumitivo sr. Cardoso Pires (ou Cardoso Whisky, como querem os íntimos do talentoso romanlista). Os nossos leitores vejam e julguem. E quem de direito inquirir do nosso Grémio de Editores e Livrelros, como é que isto se passa, informando a editora italiana do logro de que foi vítima. Ou será que esse «Grémio» também é... dos «nossos»?! Responda quem salba, que nós somos ignorantes destas e de outras artimanhas que há para aí, sem que ninguém procure ou se decida a pôr as colsas no são. A.